

VISÃO DO CORREIO

Falha estrutural no combate à violência contra os trans

A cada três dias de 2024, uma pessoa trans ou travesti foi assassinada, em média, no Brasil. Crimes, na maioria dos casos, com “requisitos de crueldade” e praticados em espaços públicos. Para qualquer um ver, evidenciando um histórico de preconceito e violência tão enraizado na sociedade brasileira que consolida o país em vergonhosa liderança mundial. O Brasil é o que mais mata transexuais no mundo há 16 anos consecutivos, sem ter conseguido, no período, desenvolver medidas que, de fato, reduzissem a violência em todas as suas formas e promovessem a inclusão dessa comunidade.

Os dados fazem parte da versão mais recente do relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), divulgado nesta segunda-feira. Houve uma queda no assassinato de pessoas trans e travestis em relação a 2023, 122 contra 145, mas sem alterar significativamente o fluxo de oscilações contabilizado na última década pela entidade — o menor número foi o de 2015 (118) e o maior o de 2017 (181). Há de se considerar que a falta de notificação e o despreparo dos agentes de segurança para lidar com os casos escondem os reais números da violência contra essa população.

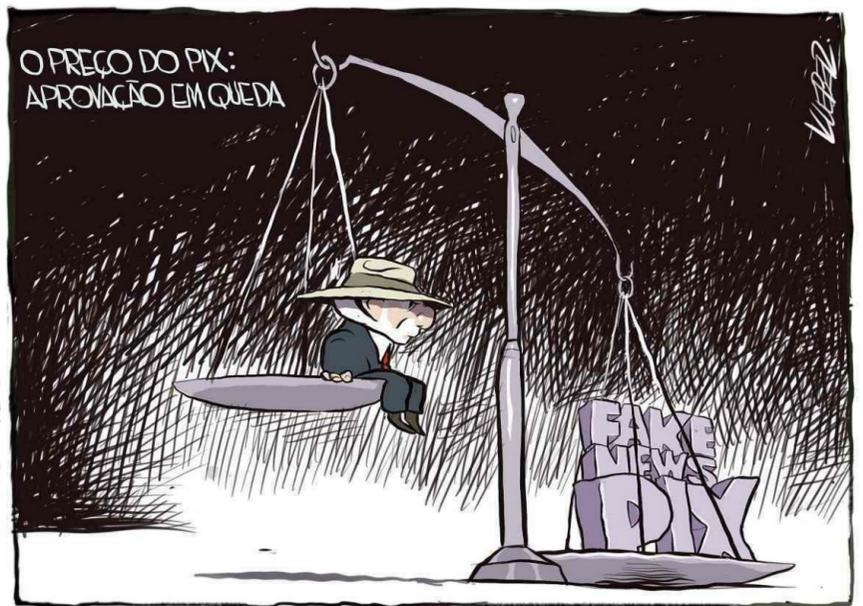
Os números do relatório da Antra sinalizam nesse sentido. Segundo a entidade, as unidades da Federação com os maiores índices de assassinato são também onde existem mais resistência à implementação de políticas públicas que assegurem o respeito aos direitos de trans e travestis. São Paulo lidera o ranking de 2024 com 16 casos, seguido de Minas Gerais (12), Ceará (11) e Rio de Janeiro (10). Todos esses estados estão no topo dos últimos cinco relatórios divulgados. O DF tem um caso citado no documento mais recente. O assassinato, porém, deu-se dentro da penitenciária Papuda, local em que o

Estado tem por obrigação garantir a integridade física e moral de seus ocupantes.

Especialistas falam que impera no país uma espécie de exclusão dos sistemas de proteção do Estado, o que favorece a sensação de impunidade aos crimes cometidos. Nesse contexto, é de se comemorar o aumento das denúncias de violência contra a população trans recebidas pelo Disque 100 em 2024. O número é 45% maior que o do ano anterior e tem como grande impulsionador as mudanças na metodologia adotadas pelo governo Lula — a gestão Bolsonaro excluiu a categoria “identidade de gênero” nos registros. É, porém, apenas um avanço diante de toda uma estrutura que impede que trans e travestis sejam tratados como cidadãos de direito, com porta-vozes ocupando, inclusive, as tribunas do poder.

Também ressoam sem desembaraços os discursos transfóbicos por outras partes do continente. Donald Trump parece estar em uma cruzada contra a comunidade — ordenou, no primeiro dia de mandato, que o governo passasse a reconhecer apenas dois gêneros. Na mesma linha, Javier Milei, na Argentina, prepara um projeto de lei para acabar com documentos de identidade não binários, entre outros descabros.

É indiscutível a influência desses líderes para a intensificação dos discursos de ódios para além dos territórios em que dirigem. Até porque suas gestões parecem contar com o apoio de ícones da tecnologia, como sinaliza a presença em massa dos CEOs das big techs na posse recente de Trump. Em um momento em que o governo brasileiro insiste tanto, acertadamente, na defesa da democracia, é preciso também que dê o exemplo. Um dos pilares do regime democrático é a proteção dos direitos das minorias. Com relação à comunidade trans e travesti, o Brasil acumula falhas e omissões.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

O Brasil é belo

Costuma-se dizer que as pessoas estão sempre insatisfeitas e acham que o jardim do vizinho é mais bonito, mesmo que tenham flores e belo gramado emoldurando a sua casa. Exceto nos países em guerra, quando o indivíduo busca migrar para outra nação para defender a sua vida e a de seus queridos, há quem embarque para o exterior certo de que, longe da sua terra natal, conseguirá bom emprego, boa moradia e, assim, poderá realizar seus sonhos. Talvez, essa tenha sido a motivação de brasileiros que tentaram a sorte nos Estados Unidos. Com a chegada de Trump à Casa Branca, a esperança desses brasileiros foi frustrada com humilhação. Não precisavam ser extraditados algemados dentro do avião. Uma violência descabida. O Brasil, com todos os seus defeitos, ainda é belo. Porém, não aprendemos a nos unir na construção de um país melhor, com mais igualdade, mais oportunidades e menos violência. Deixamos-nos contagiar pela mentira e pelo falso patriotismo que violenta o bom senso e agride o humanismo que nos diferencia dos irracionais. Hoje, o Brasil segue doente pelo vírus do ódio. Precisamos erradicá-lo e tornar nosso país o Éden sonhado.

» **Benjamim Costa**

Sudoeste

Saúde

Deveras importantes as considerações tecidas pela doutora Carla Pintas (e colaboradores) no artigo *A retirada dos EUA da OMS: impactos na saúde global* (Correio, 26/1, PÁGINA 11). De fato, encaramos as recentes declarações do presidente norte-americano eleito plenos de receio e apreensão, afinal, aos brasileiros, além de polêmicas, soaram ásperas,

brutas e rudes, tal qual uma palha de aço. Com relação à decisão de retirar os Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde (OMS), anunciada por aquele chefe de Estado, na qualidade de principal liderança — com cadeira cativa — e potencial financiador da entidade, o consórcio global resta, notadamente, prejudicado. A meu ver, a questão-chave seria a seguinte: o Brasil e seus entes científicos (fomentadores e filantrópicos) estão realmente preparados para assumir este papel de protagonista na liderança organizacional e na garantia de preservação do direito coletivo a uma saúde pública de qualidade?

» **Nelio S. Machado**

Brasília

Trump

Engana-se quem estiver pensando ou esperando melhorias para a classe humilde na gestão do presidente Donald Trump. Quem viver verá o desastre que será a economia e outras políticas públicas nos Estados Unidos nos próximos seis meses da gestão Trump. As ações de autoritarismo de Trump não terão fim. Enquanto ele se achar o homem mais poderoso do planeta, vai continuar com as deportações humilhantes dos imigrantes, atacando os LGBTs, além de outras medidas que ferem os direitos humanos e a constituição americana. Tudo isso vai desencadear vários protestos e a retirada de apoio no governo Trump de líderes políticos importantes para o fortalecimento da democracia americana, além do descontentamento de vários líderes mundiais. Acorda, povo americano. Donald Trump não é Deus. Ele não está acima das leis de outros países e tampouco acima das leis de Deus.

» **Evanildo Sales Santos**

Gama

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Vendo aquela enurrada nas ruas de São Paulo, casas sem energia, transtornos para muita gente, fico pensando que Brasília está caminhando para a mesma tragédia. Obras e devastação estão por toda a parte do DF. É questão de tempo!

Júlio F. Almeida — Asa Norte

Algema, corrente e açoite. Da escravidão do navio negreiro à escrotidão do avião cargueiro.

Franciscarlos Diniz — Asa Norte

Nem a idade avançada traz humildade a esses líderes populistas, autoritários e truculentos. Vaidosos, que se acham faraós e se esquecem do rolo compressor do tempo.

Marcos Gomes Figueira — Águas Claras

Vai ter brasileira no Oscar 2025, sim! A atriz Fernanda Torres está totalmente indicada. Pode comemorar que o nosso cinema está entre os melhores do mundo. Que explosão de orgulho! Parabéns, Brasil!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

ERRAMOS

Na reportagem *Projeto para modernizar a lei da pesca* (27/1, pág. 6), foi usado erroneamente o termo aquicultura, que se refere à criação em local controlado. O PL 4789/2024 é sobre pesca — captura no ambiente natural. Além disso, o projeto valoriza a participação de mulheres e jovens na atividade, mas não define nenhuma porcentagem, ao contrário do que cita o texto, que menciona 30%. O crédito da foto usada na reportagem é de Oceana/Andressa Anholete.



RONAYRE NUNES

ronayrenunes@dabr.com.br

Família

O mundo não está em maior ebulição do que estava há um tempo, mas, definitivamente, diversos fatos e acontecimentos poderiam ser abordados nestas linhas. Existem muitos assuntos para se falar hoje. A crise de Trump com deportações ao longo dos últimos dias, delações na Justiça brasileira com detalhes surpreendentes e tantos outros tópicos que devem ter surgido desde o fechamento desta edição. Contudo, nada seria tão importante quanto a nossa família.

Do núcleo mais próximo de parentes, até aquele primo de segundo grau, que vive em outro estado e já tem filhos que sequer conhecemos. As famílias têm diversas variações e designações, e todas essas “peças” fazem parte da constituição de cada personalidade que anda por esta Terra — para o bem e para o mal.

Nem sempre os parentes são a melhor parte das pessoas. Alguns sequer têm qualquer traço de familiares e amigos próximos se tornam a figura que não compartilhamos o sangue, mas nos tornam pertencentes a uma família.

A família, é óbvio, tem diversas designações. A mais comum, que aprendemos na escola, fala sobre o “primeiro núcleo social”. A definição — um pouco simples — é uma contrapartida para as definições filosóficas sobre parentescos ao longo da história (um hobby muito divertido de estudo, vale frisar).

Para Hegel, por exemplo, o conceito de família parece ser muito sério, quase formal, taciturno. O filósofo alemão associa o tema à ética dos indivíduos. Aristóteles, há cerca de 300 anos antes de Cristo, falou da família sob o ponto de vista do poder, envolvendo até mesmo bens materiais. Já Kant apontou

a família com características mais “naturais”, envolvida na sobrevivência da espécie. Nenhuma definição está mais certa ou errada que outra.

Se no contexto de identificações filosóficas as famílias já parecem tão curiosas, vale pontuar também que ao longo da história os parentes, como conhecemos hoje, nem sempre foram tão “normais”. A instituição familiar se modificou radicalmente ao longo dos anos, sempre existindo de certa forma, mas nunca tão emocional. Na Grécia antiga, famílias iam tão longe quanto toda a população de determinada vila. Antes do contexto religioso, a promiscuidade entre familiares era comum.

Ao passar dos anos, as famílias ganharam característica de maior privacidade e prezam pelo afeto em detrimento de posições de poder — como na Idade Média. Atualmente, pequenas e diferentes famílias significam muito.

Com a idade, passei a encarar como “família” aqueles que detinham minha preocupação, ou que tivessem um lugar cativo em minhas orações silenciosas do fim do dia. Com o passar dos anos, acho que preciso menos da família em um sentido físico. Contudo, dependo cada vez mais deles no contexto emocional.

As famílias sempre estão brigando, discordando. Mas quando alguém precisa, são os primeiros a ajudarem. Ter paciência com os parentes, entender os limites e vontades fazem parte do cotidiano e deveriam ser uma parte metafísica da nossa existência. Entre todos os temas que surgiram ao longo desta terça-feira, lembre-se: nada seria tão importante quanto a nossa família.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br